

A descoberta dos processos psíquicos inconscientes por Freud esteve atrelada, desde o início, à importância da linguagem. Desde suas primeiras observações e estudos, contrariamente a seus contemporâneos Charcot e Pierre Janet, ele concebeu a histeria no terreno das manifestações psíquicas (não-congênita, não-hereditária) como uma afecção da representação. A partir do momento em que acatou de suas históricas o "deixe-me falar", Freud fez da clínica uma prática na qual o único acesso ao inconsciente na sua realidade sexual e infantil se dá através da palavra.

Uma das preocupações fundamentais de Lacan, sensível às influências culturais a que a psicanálise esteve submetida devido à sua difusão, consistiu na reiterada insistência para recuperar o cerne da descoberta freudiana da experiência do inconsciente. O retorno a Freud por ele proposto estava diretamente articulado à noção de linguagem. Em 1957, em "L'instance de la lettre dans l'inconscient", lemos: "Nosso título dá a enten-

## Quem conta um conto aumenta um ponto

*Resenha de Oscar Cesarotto (org.), As idéias de Lacan, São Paulo, Ed. Iluminuras, 1995, 195 p.*

der que, para além desta palavra, é toda a estrutura da linguagem que a experiência analítica descobre no inconsciente<sup>1</sup>. Em "Situation de la Psychanalyse en 1956, "diz: "Para saber o que se passa na análise é preciso saber de onde vem a palavra. Para saber o que é a resistência é preciso saber o que faz anteparo ao surgimento da palavra (...)."<sup>2</sup>

Mas, como nem todas as palavras foram ditas, e para que nos inteiremos da circulação das idéias de alguns psicanalistas (uns lacanianos, outros nem tanto), nada melhor do que dar-lhes a palavra para que se manifestem sobre algumas das célebres máximas de Lacan. Esta é a proposta do novo livro organizado pelo psicanalista Oscar Cesarotto, já conhecido pelo público "psi" por inúmeras contribuições. A última, de 1993, em parceria com Márcio Peter de Souza Leite, consiste numa original e bem humorada biografia de Lacan, onde o mestre aparece como filósofo, poeta, surrealista, criminalista, kleiniano (!) e até laciano. Na esteira desta obra, propõe a vinte analistas (brasileiros e estrangeiros) e a um poeta

que analisem, discutam e complementem alguns aforismos lacanianos. Espalhados pela vasta obra, as citações são momentos de condensação e síntese, conclusões destinadas a coroar o desenvolvimento de um pensamento ou de uma evolução teórica. Porém, retiradas de seu contexto original, usadas sem a devida referência ao campo teórico que lhes deu origem, acabam por soar como ditos oraculares que se imiscuem tanto no linguajar cotidiano quanto no psicanalítico, banalizando-se em relação à sua polissemia primeira.

Neste livro não se trata de uma recuperação da "pureza" original ou da repatriação das frases ao seu *locus* primitivo, mas de uma tentativa (como diz o próprio Cesarotto na carta/convide enviada ao grupo de psicanalistas) "... de constituir uma fonte de consulta, evitar o perigo do lugar comum e das trivializações e reunir amigos numa transferência de trabalho extra-institucional". Objetivo, sem

dúvida, generoso tanto em relação ao grupo de colegas convidados quanto aos leitores em geral.

Nesta carta consta que o livro chamar-se-ia *O discurso de Lacan*. Com o livro nas mãos, intitulado *As idéias de Lacan*, caberia a pergunta: o que sucedeu com o *discurso* que virou *idéias*? Que diferença seria esta, talvez imposta pelo conteúdo dos diferentes artigos? *Dis-cursus*, originalmente a ação de correr para todo lado, de ir e vir, de enredar, pareceria estar mais próximo do que o livro veio a ser: caminhos e trilhas formulados em palavras.

Os vinte autores convidados, levados por seu próprio estilo e formação, "palavream" com as frases. O resultado desta interlocução é um caleidoscópio que multiplica os sentidos numa miríade de figuras diferentes. Cabe ao leitor compor a sua própria: é possível ler o livro a partir de

qualquer um de seus ensaios, se bem que, segundo o organizador, há uma lógica tanto do índice quanto da seqüência: "Os primeiros agrupados sob as rubricas de *Outro, Inconsciente, Ética e Transferência*, se baseiam no predomínio do simbólico sobre o imaginário, o primeiro superando o segundo e lhe impondo limites. A seguir, o *Imaginário* toma corpo, em continuidade com o real na fascinação da consciência pelo ego. Depois, a *Psicose* apresenta-se como o buraco negro da significação e o Real irrompe, sem eira nem beira, sem nome nem forma. Nesta terra-de-ninguém, no campo do gozo, *Alíngua* acaba aludindo à impossibilidade de poder dizer tudo, na insuficiência vocabular de dar conta do que fica excluído de sentido". (p.12)

Numa obra deste tipo, faz-se necessária uma delimitação para centrar a resenha: escolhi o primeiro grupo de máximas e para elas teci um fio condutor. Antes de passar a esta escolha, friso que os ensaios possuem em comum e nisto reside um dos méritos deste livro o fato de que a maioria procura situar os aforismos lacanianos em seu contexto, não apenas bibliográfico, mas teórico, histórico e conceitual, constituindo-se num parâmetro de referência principalmente para aqueles que não possuem grande familiaridade com a obra de Lacan. Para os iniciados, nada melhor do que reencontrar o já conhecido através de caminhos novos.

No primeiro conjunto de textos, reunidos sob a rubrica do "Outro", especula-se (nos dois sentidos da palavra) sobre as condições que fazem depender do Outro tanto o processo de subjetivação quanto a possibilidade de saber humano. Tal alteridade constitutiva aparece de várias formas nos diferentes textos.

Nos de Samira Chalhub e Mário Pujó (que comentam respectivamente "O inconsciente é o discurso do Outro" e "O desejo é o desejo do Outro"), ela aparece como o sujeito assujeitado à linguagem. Para que um sujeito advenha, é preciso que um aparelho psíquico (que não vem pronto) entre em contato com outro aparelho psíquico de um ser falante. O sujeito depende do significante e este está primeiro no campo do Outro. O desejo humano não comporta, portanto, uma dimensão natural, mas possui um antecedente imediato no desejo do outro. Diz Chalhub: "A construção (não desenvolvimento de uma potência em ato) da subjetividade dá-se pela exterioridade. O Outro o condiciona e imprime aí seu código.... Primeiro porque vindo do mundo, achase inscrito pré-simbolicamente, já falado por sua constelação de significante parental, a qual por sua vez também já está mergulhado no "tesouro de significantes", o desfiladeiro - cascata da rede simbólica" (p.19). E, seguindo a mesma temática, complementa Pujó: "O desejo do outro organiza o mundo dos objetos humanos como objetos de disputa e rivalidade e é esta mediação o que os faz equivaler (...). Daí que os objetos do conhecimento conservarão para sempre o traço paranóico de sua constituição". (p.24). O desejo como desejo do outro, diz-nos Pujó, é no fundo o desejo de fazer reconhecer seu desejo; articulado no nível do simbólico,

está fadado a nunca poder ser dito, apontando para o fato de o lugar da palavra ser também o lugar da falta. Estas constatações, transpostas ao plano da relação analítica, evidenciam que quando o analista ocupa o lugar do Outro, é o seu desejo que atua como operador da análise e por este intermédio é que sobrevém a possibilidade do sujeito "nascer para saber se quer o que deseja" (p. 27).

Márcio Peter de Souza Leite foi premiado na coletânea com aquele que pode ser considerado o aforisma mais conhecido e repetido da obra lacianiana: "O inconsciente está estruturado como linguagem". Encontramos neste ensaio uma excelente recopilação histórica a partir do famoso colóquio de Bonneval, onde a polêmica Lacan versus Laplanche/Leclaire tomou forma, produzindo dois dos textos mais importantes sobre as respectivas conceitualizações do inconsciente. Passando cronologicamente pelos diversos textos nos quais Lacan reafirma sua tese da linguagem como condição do inconsciente, Márcio Peter mostra a maneira pela qual o aforisma deu margem a uma analogia entre o inconsciente e a fala; esta possibilitou a crítica laplanchiana de que o termo "linguagem" não daria conta dos efeitos do inconsciente, restringindo-se ao pré-consciente. Seguindo os passos do mestre, vai rastreando seu esforço para formalizar uma materialidade para o inconsciente, esforço que desemboca nas noções de Letra como um significante fora do simbólico, na noção de Alíngua, a língua materna marcada pelo gozo que cons-

tituirá o "parlêre", e na noção de Linguisteria, "afirmação da relação que o analista tem com a linguagem e que é irredutível à linguística". (p.41). Vemos aí as implicações desta intrínseca alienação do sujeito no Outro desdobradas até as últimas consequências, obrigando a fabricação de neologismos para designá-las.

Para dar a conhecer as condições de possibilidade do Outro, Eduardo Vidal comenta a frase "Há Um". Similar à grade de Bion no esforço de precisão, Lacan distingue o registro unário (aquilo que possibilita tanto o sujeito quanto o dito sustentado pelo Outro primordial) do registro uniano (aquele no qual é impossível enunciar toda a potência). O unário trata do poder significante de produzir o sujeito e de seu encontro com o Outro da linguagem. No unário estamos no registro do número, da possibilidade de contar. O "Há Um" é o uniano, número que remete ao Aleph cabalístico, o não-numerável. Ele não é igual ao um da repetição, é o Um-todo-só. O "Há Um" possibilitaria, no tocante à análise, passar do discurso formado por palavras a um discurso formado por letras, o Matema. Através deste texto aparece um Lacan paradoxal: de um lado, a riqueza verbal e a polissemia; de outro, um Lacan lógico e racional, tentando descrever os fenômenos psíquicos através da linguagem matemática. Em ambos, a necessidade de conceber um princípio para o psiquismo, deixando lugar para a inacessibilidade e para o incognoscível.

Enveredando pelo campo da Ética, veremos, conforme nos diz Z. Loparic, que é pela dependência aniquiladora do Outro que ela se sustenta. O homem ser essencialmente agressivo só se curva aos imperativos da vida em sociedade através de complicados atos de renúncia. As leis que os regulam "Não matarás" (... o outro), "Não cobiçarás a mulher do próximo" (... do outro) tanto legislam sobre a possível transgressão quanto evidenciam o desejo. A análise deveria poder levar o sujeito a dizer, para além do "faço porque é bom" ou "não faço porque é mau", "faço porque me traz gozo". Eis o que nos apresenta J. B. Ferreira em seu interessante ensaio sobre a máxima "A Lei e o desejo recalçado são uma só e mesma coisa".

Talvez seja de um Outro receptor da mensagem que nos fala R. Goldenberg, ao debruçar-se sobre a frase "Não cederás no que tange ao teu desejo". A frase original de Lacan, traduzida para o português por Antonio Quinet, diz: "Proponho que a única coisa da qual se possa ser culpado, pelo menos na perspectiva analítica, é de ter cedido de seu desejo"<sup>3</sup>. À parte as ambigüidades no próprio original francês (*céder sur son désir* é uma construção pouco usual) e também as de tradução, o dito lacaniano parece apontar para uma oposição em relação à teoria freudiana segundo a qual é a realização do desejo a produtora de culpa. Não é ceder ao seu desejo (aceitá-lo, realizá-lo) mas ceder *dele* (abdicar, abrir mão) que traz culpa, e isto reitera, segundo Goldenberg, a tese freudiana "tanto mais culpados quanto mais virtuosos". A contradição se desfaz se nos indagarmos em que consiste o desejo do neurótico. Se for o da manutenção de sua integridade narcísica e se for para preservar-se do

olhar do Outro que lhe apontaria a própria incompletude, é através da ação do recalque que esse resguardo é possível. "O sintoma é a resposta antecipada que o sujeito (se) dá ao mandato: "deves realizar teu desejo" (assassino, suicida ou incestuoso) ou seja, "deves gozar", diz Goldenberg (p.66). Fechado em seu narcisismo (cedendo ao desejo inconsciente), virtuoso para o mundo (cedendo de seu desejo), sobrevém a culpa. O imperativo categórico dirigido aos analistas "não cederás de teu desejo", que jamais foi proferido por Lacan, é o resultado de leituras sintomáticas amorosas ou odiosas, conclui Goldenberg.

As questões éticas se complicam quando o Outro é um analista que tem como função autorizar ou reconhecer alguém em seu trabalho de formação. A história da psicanálise a partir de 1910, quando se fez necessário preservar a causa e a doutrina freudiana de possíveis leigos, é uma história de dissidências e controvérsias bastante significativas. Lacan introduz um corte radical com "O analista só se autoriza por si mesmo", aforisma cuja discussão fica a cargo de Michel Durand. Ao afirmar que a formação do analista não existe porque as únicas formações são do inconsciente, Lacan tira a questão do campo meramente técnico para inserí-la definitivamente no campo ético e nos obriga a pensá-la a partir do inconsciente. "A passagem do lugar do analisando para o do analista decorre da responsabilidade daquele que, uma vez atravessado seu fantasma, assume para si a causa do inconsciente", diz Durand (p. 70). "Se dela resulta um novo analista como saldo, *après coup*, poderia ser qualificada, de jus, como didática" (p.71). Formulações sem dúvida primorosas, mas que na prática propõem desafios intermináveis, porquanto é a transferência a sustentadora

tanto das relações entre analisandos e analistas quanto dos analistas entre si, nas instituições de psicanálise.

"A transferência é a realidade do Inconsciente posta em ato" é justamente o aforismo proposto a Antonio Franco R. Silva, José Nogueira de S. Neto, Milton R. Sobrinho e Nora F. Chagas. A este conceito central na prática clínica, Lacan deseja dar operacionalidade para tratar o real pelo simbólico na experiência analítica. "A realidade do inconsciente, aquilo que a transferência coloca em ato, é da ordem do impossível" (p.78) e esta realidade é a realidade sexual. "A transferência vai provocar o retorno deste real traumático na posta em ato da realidade do inconsciente" (p. 79).

Sabemos desde os escritos de Freud que a transferência se reporta à repetição: repete-se em ato aquilo que não se rememora, e é função do analista através da interpretação reconstruir a vivência que dá origem à repetição. Freud também indicou que a transferência é resistência, o meio pelo qual a comunicação se interrompe. Então, ao invés de ser instrumento de passagem para o inconsciente, ela indica o fechamento dele. Se o inconsciente é o discurso do Outro, ele não está do lado de lá do fechamento, ele está do lado de fora. Portanto, como nos dizem os quatro autores: "O inconsciente, enquanto estrutura determinada pela cadeia significante, encontra sua realidade mais íntima, seu núcleo naquilo que lhe escapa, naquilo que não deixa de não se inscrever, no ponto de suspensão que a transferência coloca em ato" (p. 78-79).

Ciente de que toda escolha implica em perdas e da parcialidade de todo recorte, inclusive do que escolhi nesta resenha que espero se transforme em convite à leitura-terminarei cometendo duas injustiças. Uma, a de a-penas-mencionar o ensaio do organizador desta coletânea, que com sua simplicidade habitual e com o dom de descomplicar, assina o belíssimo artigo "O Eu é o sintoma humano por excelência". Outra, com o poeta Haroldo de Campos, a quem coube os dois últimos ensaios do livro. "Barrocolúdio: transa chim?", uma erudita licença poética impossível de ler sem uma grande capacidade de *rêverie*, nos mostra de que forma a psicanálise interessa aos poetas. "O afreudisíaco Lacan na galáxia de *lalíngua*" é um bordado *riche-lieu* de grande beleza estética, no qual o mestre-escriva fala do estilo necessariamente rebuscado de Lacan e do domínio minucioso de Freud na manipulação da língua.

Estilo: palavra que designa tanto o instrumento com que se grava uma tábula quanto o resultado do escrito. Comentarior-poeta e comentarior-poesia amarram o final do livro em grande estilo<sup>4</sup>.

**Mania S. Deweik** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

#### NOTAS

1. cf. J. Lacan, "L'Instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud", in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p. 494-495.
2. cf. J. Lacan, "Situation de la psychanalyse en 1956", in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p. 461.
3. cf. J. Lacan *A ética da Psicanálise*, Rio de Janeiro, Zahar, 1991, p. 382
4. Agradeço a Maria de Lourdes C. Costa a leitura atenta e as sugestões.